

**Afroempreendedorismo feminino e os reflexos da pandemia:
uma escuta a agricultoras do assentamento Dandara dos
Palmares em Camamu-Bahia**

**Female entrepreneurship and the reflections of the pandemic: a
listen to farmers from the Dandara dos Palmares settlement in
Camamu-Bahia**

DOI: 10.55905/ijsmvtv9n3-011

Recebimento dos originais: 02/06/2023

Aceitação para publicação: 03/07/2023

Jessia Albertina Carvalho da Silva

Mestranda em Economia Regional e Políticas Públicas

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rod. Jorge Amado, Km 16, Salobrinho,
Ilhéus - BA, CEP: 45662-900

E-mail: jessia.albertina2@gmail.com

Katianny Gomes Santana Estival

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rod. Jorge Amado, Km 16, Salobrinho,
Ilhéus - BA, CEP: 45662-900

E-mail: ksgestival@uesc.br

Maria Josefina Vervloet Fontes

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rod. Jorge Amado, Km 16, Salobrinho,
Ilhéus - BA, CEP: 45662-900

E-mail: mjvfontes@uesc.br

RESUMO

Segundo a CONAQ (Coordenação Nacional de Comunidades Quilombolas) no Brasil existem cerca de 130 mil famílias quilombolas, sendo que a maior parte ainda vivem em áreas rurais, visto que o nascimento dos quilombos foi uma escapatória encontradas pelos negros para conseguir esquivar-se da escravidão. No momento presente, essas comunidades abrem espaços para resistência e manutenção da cultura negra tendo sua sobrevivência ligada à liderança de mulheres negras. Assim, o presente estudo se propõe a identificar o papel da mulher negra empreendedora no assentamento Dandara dos Palmares na Cidade de Camamu, estado da Bahia, onde um grupo de mulheres auto intituladas quilombolas vem fazendo história a mais 19 anos, trazendo como referência o nome de Maria Andrelice Silva dos Santos, exemplo de liderança feminina nas

comunidades rurais e quilombolas da região. Expostas a diversas formas de violência, tendo que lutar para garantir o sustento, as assentadas no Dandara auxiliam a mais de 65 famílias apoiadas na própria produção agrícola. Esse grupo de mulheres são afetadas diretamente pelos conflitos territoriais, e pela suspensão dos seus direitos impactando fortemente com o desenvolvimento social. Entretanto, criaram estratégias de resistência possibilitando a continuidade dessa comunidade, que notadamente se destaca pelo protagonismo feminino e negro.

Palavras-chave: afroempreendedorismo, agroecologia, inclusão social, pandemia, mulheres quilombolas.

ABSTRACT

According to CONAQ (National Coordination of Quilombola Communities) in Brazil there are about 130 thousand quilombola families, most of which still live in rural areas, after all the birth of the quilombos was an escape found by blacks to escape slavery, at the present time these communities they open spaces for resistance and maintenance of black culture, having its survival linked to the leadership of black women. In the Dandara dos Palmares Settlement in the City of Camamu, state of Bahia, a group of quilombola women has been making history for over 19 years, bringing as a reference the name of Maria Andrelice Silva dos Santos, an example of female leadership in rural and quilombola communities. Exposed to various forms of violence, having to fight to guarantee their livelihood, settled in the Dandara help support more than 65 families with agricultural production alone. Quilombolas are directly affected by territorial conflicts, by the suspension of their rights that clash with social development and these women, who continue to resist marked by female and black protagonism. The work sought to answer questions such as: Who is the entrepreneurial woman of the Dandara dos Palmares settlement in southern Bahia? What are the challenges faced by the covid-19 pandemic? Which public policies that benefit rural communities favor the protagonism of quilombola women?

Keywords: entrepreneurship, agroecology, social inclusion, pandemic, quilombola women.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo a identificar o papel da mulher negra empreendedora e suas estratégias para seu desenvolvimento social e econômico no assentamento Dandara dos Palmares na Cidade de Camamu, estado da Bahia, onde um grupo de mulheres quilombolas vem fazendo história a mais 19 anos, trazendo como referência o nome de Maria Andrelice Silva dos Santos, exemplo de liderança feminina

nas comunidades rurais e quilombolas. Buscou-se também levantar a dinâmica de negócio utilizada pelas mesmas no período a pandemia da COVID 19.

De acordo com Dornelas (2017), no Brasil o empreendedor encontra diversas dificuldades para se inserir e sobreviver no mercado devido ao péssimo ambiente de negócios que empreendedores têm que enfrentar para se manter no mercado. No que diz respeito ao afroempreendedorismo, não se refere apenas à briga pela sobrevivência dos negócios de modogeral, mas está relacionado também a lutar contra as limitações que a cor, o gênero e a própria atividade agrícola num assentamento geram e que culturalmente são barreiras ainda difíceis de serem rompidas.

Os dados apresentados pelo estudo realizado pela aceleradora de empresários negros PretaHUB, da Feira Preta, em parceria com a Plano CDE e JP Morgan, o empreendedorismo negro no Brasil exhibe uma das muitas faces do empreendedorismo no Brasil: a discriminação racial, que cria barreiras sociais, educacionais e culturais. No empreendedorismo, isso significa ter um caminho ainda mais longo e com menos oportunidades. Historicamente, essas vozes foram silenciadas, mas hoje pode-se encontrar mulheres quilombolas partilhando saberes e vivências a partir das suas histórias de vida.

Em Camamu, na Bahia, foi possível observar um grupo de mulheres rurais que em regime de cooperação juntaram forças para realizar atividades baseadas na agroecologia. Inicialmente as atividades realizadas eram apenas para sanar as necessidades de carência nutricional das crianças que moravam na comunidade. Contudo, com o passar do tempo o espaço foi se modificando em consequência de novas dinâmicas nas relações de trabalho que se estabeleciam, e como o grupo se organizava, proporcionando autonomia às mulheres e concomitantemente sua segurança alimentar.

Durante o período pandêmico as mulheres do assentamento que antes comercializavam seus produtos em feiras livres ou na venda porta a porta, foram obrigadas a se reinventar frente às medidas sanitárias impostas pela OMS (Organização Mundial da Saúde), diante de um cenário totalmente atípico e com diversas barreiras como falta de capacitação, condições logísticas precárias, e uma crítica situação de desigualdade digital.

Com o objetivo de identificar as estratégias adotadas por essas empreendedoras para gerir seus negócios em Camamu-BA, no Assentamento Dandara, foi utilizada como metodologia a pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e estudo de caso. Utilizou-se como referenciais bibliográficos e telematizados autores com relevância para o presente estudo (Estival, 2016; Oliveira, 2019; Souza e Leite, 2009), além de informações de sites e artigos sobre o assentamento, e através de entrevista com as assentadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AFROEMPREENDEDORISMO NO BRASIL

A definição do afro-empendedorismo está ligada justamente à capacidade de identificar oportunidades, solucionar problemas, agregar valores e contribuir para a sociedade de maneira inovadora. E além de carregar esse aspecto o afro-empendedorismo trás em suas raízes uma ideologia e como proposta um engajamento que alcança o público, e que reafirma sua raiz. Vale destacar, que o afroempendedorismo representa o campo de conhecimento estratégico para iniciar reflexões relevantes do contexto atual como a inserção social, o racismo e o empoderamento feminino.

Apesar da nomenclatura ser algo atual, no Brasil o afroempendedorismo sempre foi algo presente na vida dos negros, desde a escravidão. Como defende a jornalista Mathias (2016).

Nesse momento onde os próprios senhores de engenho forçavam as escravas a fazer produtos típicos de sua cultura, como vatapá, acarajé, caruru, entre outros, com o objetivo de comercializá-los. No período da abolição, muitos negros livres que eram marginalizados pela sociedade, acabaram se tornando empreendedores também como uma ferramenta de lutar pela inserção social. (MATHIAS, 2016.)

Como descreve a professora Tais Oliveira (2019 p. 39), a conjuntura econômica que hoje se vivencia continua reforçando a existência de conflitos estruturais da sociedade não resolvidos. Esses são refletidos sobre os indivíduos, principalmente aqueles que pertencem a grupos minoritários e menos privilegiados, ao pensar nos conflitos sociais pelo viés de classe, é necessário se atentar às estratificações específicas

em cada uma dessas classes, ou seja: há mulheres, negros, pessoas LGBTI+, entre outros grupos minoritários. Em todas elas, concomitantemente torna-se também importante discutir a ideia propagada pelo empreendedor meritocrata que incentiva e prega a liberdade econômica e o fim do emprego, como soluções para problemas que deveriam ser solucionados pelo estado, e que são consequências do capitalismo.

Ao pesquisar sobre a participação de negros em atividades empreendedoras durante os anos de 1990 a 2008, as autoras Oliveira, Souza e Pereira (2013) constataam que além dos obstáculos recorrentes a investir no mercado e manter seu empreendimento, os empresários negros sentem as circunstâncias das relações raciais. O fator raça limita, em muitos casos, estes empreendedores a ter acesso a recursos financeiros por conta de dificuldades em relações com fornecedores, clientes, concorrentes ou até mesmo com funcionários.

Por consequência, o movimento negro tem se mobilizado para encontrar alternativas de sobrevivência econômica e afirmação de sua cultura e identidade como feiras negras que na atualidade vem sendo organizadas em algumas cidades do país. Destarte imaginar, um recorte de raça dentro do cenário do empreendedorismo, visualiza-se uma representação do movimento de afroempreendedores realizado por pessoas negras, e em sua maioria com foco em consumidores negros.

2.2 MULHERES E O AFROEMPREENDEDORISMO

Um dos ícones do empreendedorismo afro no Brasil, a baiana vestida de branco anda pelas ruas da Bahia, vendendo quitutes preparados com receitas tradicionalmente familiares. Desde o fim da escravidão, com muito apuro para conseguir oportunidades de trabalho principalmente fora da área doméstica, e precisando buscar o sustento familiar, essa foi uma das soluções encontradas por mulheres negras, tornando-se um caso de sucesso, com receitas únicas gastronômicas como o acarajé e o abará. O termo afroempreendedoras não existia mas pode-se dizer que assim nascia um movimento de empreendedorismo feminino.

Mesmo com a passagem dos anos, as motivações das mulheres negras para se tornarem empreendedoras no país seguem as barreiras do mercado tradicional de subsistência. Contudo, há pouco tempo, ganhou força o movimento de jovens na abertura

do próprio negócio. Nos últimos 10 anos, diversas pesquisas apontam um crescimento considerável da população feminina e consequentemente, uma mudança do cenário do empreendedorismo brasileiro.

De acordo com o SEBRAE (2015), o número de negros empreendedores cresceu 28,5%. No contexto do universo feminino, de acordo com a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (2011), a participação das mulheres no mercado de trabalho passou de 41,7% (2001) para 42,2% (2011); o número de mulheres a frente de um negócio passou de 28,7% em 2001, para 30,8% em 2011.

Ainda que o crescimento mostre um aumento da participação e produção feminina na economia brasileira, dados indicam que mulheres continuam recebendo salários menores que os homens, e quando o recorte é somado ao parâmetro racial, as diferenças são maiores ainda. Segundo a Revista Raça (2018) “...as mulheres têm avançado na conquista com seu espaço no mercado de trabalho ao longo dos últimos anos, têm conquistado mais postos de destaque e cargos de liderança, tanto em empresas como nos governos”. Entretanto, segundo a reportagem citando dados do PNAD (2012), “...ainda temos desafios. Apesar de sermos a maioria entre as pessoas em idade ativa, 52,3% e ainda somos a maioria entre as pessoas ocupadas, 42,4%” (REVISTA RAÇA, 2018).

Para além do fator de gênero, o fator racial aumenta os índices da desigualdade entre homens e mulheres negras, “o racismo é um importante indicador de análise da dinâmica das relações no mundo do trabalho, considerando que a situação de desigualdade das mulheres negras se manifesta de formas variadas: ocupação dos postos mais baixos, maior precarização, remuneração desigual em ocupações de igual categoria. Somando a isso, são obrigadas a conciliar o emprego com as responsabilidades familiares enfrentando assim, dupla jornada de trabalho” (REVISTA RAÇA, 2018).

Ainda que as mulheres tenham sido agregadas às novas atividades produtivas, as relações de poder entre homens e mulheres, e entre mulheres negras e brancas não tenha se modificado satisfatoriamente com o passar do tempo. Segundo dados do IBGE (2018), entre os proprietários de negócios existentes no Brasil, 31% são mulheres e 69% homens.

Segundo Luiz Barretto (2014), presidente do SEBRAE, “mulheres são mais escolarizadas e investem mais em qualificação, buscando mais acesso a informação não permitem amadorismo”. A figura da empreendedora feminina é maior em 5 das quatro regiões brasileiras. Entretanto, somente no Nordeste as mulheres ainda não ultrapassaram os homens. O conceito do afroempreendedorismo feminino tem ascendido atualmente graças ao reconhecimento da cultura afro, o aumento da auto aceitação e auto identificação do indivíduo enquanto negro e do acesso dessas pessoas ao ensino superior. Muitos desses negócios surgem não só por oportunidade, mas também por necessidade. Ao verem que suas demandas não são atendidas pelo mercado, mulheres negras criam as próprias alternativas, (TAIS OLIVEIRA, 2019): “Continua ainda dizendo que os entraves, porém, são grandes em geral relacionados ao gênero e raça. Enquanto quase metade dos negócios das brancas tem registro, apenas um quarto dos empreendimentos das negras é formalizado.” Em concordância, afirma Renata Malheiros (2021), coordenadora de empreendedorismo feminino do Sebrae. “O sistema financeiro não aposta tanto nessa população nem oferece condições especiais a ela”.

2.2.1 O Assentamento Dandara dos Palmares

Localizado na área rural do município de Camamu, no Baixo Sul da Bahia também conhecido como Costa do Dendê, o projeto de assentamento Dandara dos Palmares, foi estabelecido há 19 anos. Composto por mais de 65 famílias, o assentamento possui uma área total de 1.272 hectares de terra divididos em 800 ha área de preservação ambiental, sendo o restante subdividido em áreas coletivas de produção sendo 60 ha nesse formato, divididos em cinco lotes de hectares para cada família assentada, área destinada apenas a produção agrícola.

Hoje a área onde ocorre a produção do assentamento é 90% destinada a produção de cacau a mesma é comercializado através da venda de forma individual para os chamados “atravessadores”, que estão localizados no município de Camamu ou Igrapiúna, o preço médio de comercialização dos produtos é abaixo do preço comercial cotado na bolsa de valores, e costuma a ter um pagamento diferenciado em relação à qualidade que o cacau que é oferecido aos atravessadores.

A renda per capita mensal dos moradores do assentamento é menor do que meio salário mínimo brasileiro o que nitidamente caracteriza situação de extrema pobreza. Todas as famílias do assentamento acessam programas governamentais de “combate a pobreza” como o Bolsa Família, programa do governo federal.

As principais dificuldades relatadas estão relacionadas às condições precárias de vida e trabalho de acordo com informações obtidas em entrevistas e em publicações realizadas acerca do assentamento, como demonstra Katianny Estival (2016, p. 12). A ausência de condições mínimas de saneamento básico, a ausência de banheiro nas residências o acesso, ocasiona o aparecimento de diversas doenças relacionadas a falta do saneamento e as condições precárias de acesso às estradas e logística para o transporte de insumos, isso se transforma em barreiras para o escoamento da produção além das dificuldades para acessar pessoas para o serviços básicos como de educação saúde e comércio na área urbana da cidade de Camamu.

2.2.2 O empreendedorismo como forma de sobrevivência

A Dandel Agroecologia, teve seu início no “grupo de trabalho das mulheres” originárias do assentamento Dandara dos Palmares, que não só foi criado em um assentamento que hoje sustenta mais de 60 famílias, como também confere à região uma marca afro-brasileira de várias formas assegurando para mulheres agricultoras rurais, um espaço para discussão enquanto mulheres negras. Somado a isso, possui uma trajetória de conquistas e empoderamento utilizando recursos que perpassam gerações e legitimam sua ancestralidade, adicionadas às vivências proporcionadas pelo assentamento e o contexto econômico, político e cultural.

Assim, identificar como a Del, e também todo o grupo de mulheres criaram visibilidade dentro da agricultura familiar possibilitando não só o sustento da sua família, mas também possibilitando a criação de um projeto, de um processo de manutenção do negócio durante a pandemia da covid-19, diante de tantas barreiras sanitárias onde o principal desafio era manter o empreendimento funcionando diante do isolamento social.

O grupo da Del é um exemplo de liderança feminina nas comunidades rurais e quilombolas, iniciado por Maria Andrelice Silva dos Santos, conhecida por Del. Ela que

é afroempreendedora, auto intitulada quilombola, líder de comunidade, certificada como agricultora orgânica, moradora do assentamento Dandara dos Palmares em Camamu-Bahia, iniciado em 1986 pela própria Del, sempre foi moradora do município de Camamu, e quando criança participava do processo de plantação com seus pais e seus cinco irmãos nos seus 10 hectares de terra. Ao crescer surge a necessidade de ter um espaço para trabalhar. Em 1997, tem início o Assentamento Dandara dos Palmares (antes, apenas uma empresa de terraplanagem), onde junto com sua família vem a ocupar a área do assentamento. Justamente nesse momento a Bahia está passando por um choque onde a vassoura de bruxa (praga devastadora do cacau) assolava as fazendas de cacau, e os fazendeiros deixavam as fazendas porque as mesmas não produziam mais sustento. Nesse mister, a associação de agricultores de Camamu, com cerca de setenta famílias, passa a ocupar esse espaço.

Nos primeiros momentos para estabelecer o assentamento as famílias que ali estavam passaram por momentos críticos por conta da falta de alimento. Segundo a Del, que na época atuava como um líder pela pastoral da criança, as crianças do assentamento estavam sendo fortemente atingidas pela desnutrição, diarreia e outras doenças que eram consequências da falta de saneamento básico somadas à falta de alimento. Como descreve Souza, Leite e Rios (2009, p 18):

Com o propósito de produzir alimentos destinados prioritariamente às crianças, em 1998 um grupo de 20 mulheres solicitou à Associação Comunitária um lote de quatro hectares. Em 1999, a doação da área foi aprovada numa assembleia da associação, e o grupo deu início ao trabalho em mutirões, contando com o apoio de algumas entidades, como o Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop) e a Pastoral da Criança, que assessoraram na produção do viveiro de mudas de frutíferas, no manejo agroecológico e na gestão de um fundo rotativo para compra de insumos, sementes e ferramentas. A roça foi implantada com uma grande diversidade de plantas: mandioca, cupuaçu, banana-da-terra, café, feijão, batata-doce, gergelim, milho, abacaxi, urucum, entre outras. O grupo implantou o roçado com o manejo agroflorestal regenerativo, já que se trata de uma região rica em biodiversidade do bioma Mata Atlântica, no qual as árvores predominam como componentes dos agroecossistemas. (SOUZA, LEITE E RIOS, 2009, p. 18)

Partindo disso, deu-se como necessário uma organização maior para que essas mulheres não só entendessem o que estava acontecendo como também criar estratégias

que possibilitaram a elas e suas famílias uma alimentação mais saudável e nutritiva, assim como tivessem um local específico para plantá-la.

“Nós pegamos uma área e começamos a trabalhar, era só muito mato, mas passamos a perceber que tinham plantações, que davam sementes... No primeiro momento tinha apoio de alguns companheiros, mas depois era só nós e nós mesmos.” (Del)

Foi nesse primeiro momento onde o machismo foi claramente predominante, as mulheres foram atacadas pelo descrédito dos homens da comunidade que desrespeitavam o padrão de manejo que elas escolheram para trabalhar. Esses, passaram a utilizar produtos agrotóxicos nas terras em que elas cultivavam, dificultando a disseminação das práticas agroecológicas no roçado do assentamento. Essa atitude machista identificada como uma violência e total falta de apoio de alguns companheiros contra essas mulheres, corroborou junto ao trabalho cansativo da lida na terra de algumas mulheres do assentamento terem desistido do processo e poucas resistem até hoje.

A área disponibilizada para essas mulheres seria de quatro hectares, e nesse momento a Del contava com apenas mães mulheres, que eram não só mulheres como também mães. Nesse momento elas entraram em um projeto piloto da pastoral da criança de distribuição de renda. Em 1999, o projeto foi iniciado com um investimento de apenas mil reais que auxiliou na compra dos insumos (adubo químico, sementes de mandioca, mudas de banana da terra). Esse insumo rotativo deveria ser devolvido em um ano e o mesmo foi feito, por esse motivo a pastoral continuou a incentivar essas mulheres a pensarem em outros projetos objetivando a segurança alimentar. Diversas famílias já estavam inseridas no projeto, e a divisão da renda era feita a partir da partilha do que era produzido.

Durante esse primeiro processo de experimentação da roça e dos manejos agroecológicos, algumas vezes algumas organizações traziam agricultores e agricultoras para discutirem sobre o processo de transição agroecológica na propriedade do assentamento. Com o grupo se organizando, o grupo tornou-se referência na região, e muitas dessas mulheres foram convidadas a participar de alguns encontros fora do assentamento, incluindo participar de cursos de capacitação.

Esse trabalho ganhou proporções regionais, e começou a surgir novas lideranças. O Assentamento Dandara com o auxílio da Del passou a ser referência, justamente por ter uma área de terras específicas para mulheres. No ano de 2010, o assentamento comemorou 10 anos, e nessa mesma data ganhou novos apoiadores, fato de permitiu troca de informação com outros assentamentos, puderam ser influenciados positivamente dando as mulheres lugar de liderança. Hoje o roçado do assentamento Dandara conta efetivamente com seis mulheres.

2.2.3 Participação das mulheres no assentamento

Ao falar da posição das mulheres negras na economia e na sociedade brasileira apesar da relevância do seu trabalho pra construção e desenvolvimento do Brasil desde o período da escravidão, é perceptível que o nome das mesmas não consta de forma visível, escrito nas páginas da história oficial. Até os dias de hoje as mulheres negras convivem com o preconceito duplo: de gênero, por serem mulheres e o racismo por serem negras.

O que não é diferente na realidade dos assentamentos de Camamu. Esses se organizam por intermédio de associações comunitárias e assumem forma jurídica por intermédio de agentes externos. Essas comunidades adotam esse formato institucional objetivando acessar os benefícios de políticas públicas. E geralmente a gestão dessas organizações é feita pelos homens que apresentam uma certa resistência ao acesso das mulheres aos cargos de diretoria e tomada de decisão.

A inserção das mulheres na associação comunitária de Dandara não foi fácil. No início, sequer a participação delas como sócias foi aceita, já que não eram titulares dos lotes das famílias. Dessa forma, não foi dado a elas o direito de votar nem de serem votadas e poucas participavam das decisões relacionadas ao desenvolvimento do assentamento. Dois anos depois, as mulheres conquistaram o direito de se associarem, mas como não podiam pagar as mensalidades ficaram inadimplentes e sem direito a voz e voto. Com muita luta, o grupo de mulheres conseguiu alteração no estatuto de forma que todos os membros de uma família estariam adimplentes mediante o pagamento de uma única mensalidade. (SOUZA, LEITE E RIOS, 2009, p. 19).

Atualmente, algumas das mulheres assentadas são associadas ao Sindicato de trabalhadores rurais de Camamu. Essa instituição desempenha um papel

importantíssimo na formação de lideranças. Embora a política de cotas da mesma assegure que as mulheres ocupem assessorias do sindicato, o principal obstáculo é a falta de experiência delas nessas funções. Contudo, no espaço de formação política o grupo tem refletido sobre a participação efetiva dessas mulheres em cargos de diretoria. E algumas dessas mulheres já exercem papéis importantes nas associações das suas comunidades. Contudo, ainda é necessário dar continuidade ao processo de politização dessas agricultoras e continuar incentivando as mesmas a ocuparem esses lugares.

Conforme administração e vendas de produtos, e a gestão da renda das famílias das agriculturas são realizadas pelos homens, a geração e a gestão da renda das mulheres se colocam como uma questão importantíssima para o grupo. O ingresso de novas mulheres no grupo do roçado tem auxiliado a dinamizar a produção e auxiliar iniciativas de beneficiamento e comercialização, onde as mulheres do assentamento Dandara dos Palmares se tornam protagonistas de suas histórias, uma vez que as mesmas têm papel importante na economia do assentamento. Em 2008, os produtos do grupo mulheres passaram a ser comercializados na feira agroecológica de Camamu, organizada através de um sistema de rotatividade semanal, com o trabalho tanto das mulheres do assentamento da Dandara, como de mulheres de outras comunidades da região. Também a partir de 2008, a venda de produtos in natura (frutas, verduras e suco os doces de beijos) passou a ser vendido para o programa de aquisição de alimentos da Companhia Nacional de Alimentos em parceria com uma agência de assessoria e comercialização da agricultura familiar do Baixo Sul. Essas conquistas têm ajudado a impulsionar uma nova perspectiva de acesso ao mercado pelo grupo de mulheres do assentamento.

Com o sistema de produção agroecológica, Del e a sua família fazem a colheita de diversos alimentos e ela consegue enxergar a importância das pequenas rendas, inclusive as não monetárias para a sustentabilidade da propriedade e segurança alimentar para as famílias. “Quando falamos de sustentabilidade, não consideramos apenas o que vendemos, mas o que estamos deixando de comprar, garantindo ainda uma alimentação de qualidade” (Del).

Assim, com bastante independência do mercado, ela tira da própria produção, os alimentos que a família precisa. Os alimentos são produzidos de forma saudável com adubo orgânico, sem agrotóxicos. E a produção contempla além do consumo familiar,

possibilita a doação para os vizinhos, comercialização para o programa de aquisição de Alimentos (PAA), e ainda vender na feira ecológica de Camamu. Del, além de vender os alimentos in natura, produz bolo, doces, pamonha, cocadas, farinha de Pupunha, beiju e garante a conservação dos alimentos por mais tempo podendo assim diversificar sua produção e comercialização.

2.3 DANDEL AGROECOLOGIA E A PANDEMIA DA COVID-19

Um grande contraste da agricultura familiar com o agronegócio que é a grande cadeia de produção, este sempre esteve cheio de incentivos e, teve ao longo da história um conjunto de subsídios que garantia preço mínimo dos produtos, dessa forma sempre tinham uma garantia que de preço mínimo, enquanto na agricultura familiar isso não era visto, ficando a mercê e dependente das forças do mercado.

Dessa maneira, sem uma organização comunitária, ou associativa a mercê dos atravessadores, que coloca diversas condições para compra e automaticamente desvaloriza o produto que as agricultoras estão comercializando.

Durante a pandemia da COVID-19, mulheres rurais e afrodescendentes tiveram que continuar o seu trabalho para atender a demanda por alimentos nas cidades e suprir as necessidades da suas próprias famílias, contudo o cenário em que muitas dessas mulheres continuou realizando suas atividades produtivas mais enfrentando diversas barreiras como desigualdade salarial, sobrecarga pela dupla jornada de trabalho (em casa e na sua atividade a mulherada) somadas às dificuldades de acessar os produtos os recursos produtivos como a água, insumos agrícolas, financiamento, seguro, projetos e captação de recursos. Concomitantemente essas mulheres também enfrentam desafios para comercializar seus produtos nos mercados e feiras além de ter que lidar com a violência de gênero que foi um cenário muito frequente durante a pandemia.

O conceito da Agroecologia, possui diversas particularidades a principal é que ela não só produz alimento para o consumo das famílias, mas também produz alimento para o mercado, ela vem para fortalecer o processo de segurança alimentar nutricional das famílias ou seja o chamado alto consumo, O primeiro desafio desse mercado é pensar o mercado interno da família, O segundo passo desse mercado é o mercado da comunidade. E esse foi um dos principais desafios na pandemia: valorizar a

comercialização dos produtos na própria comunidade enquanto era mais do que necessário manter o distanciamento social para contera disseminação do vírus. Por conta desses fatores, o período de 2020 e 2021 para a Del foi um período conturbado, ela que sobrevive da comercialização e empreendedorismo.

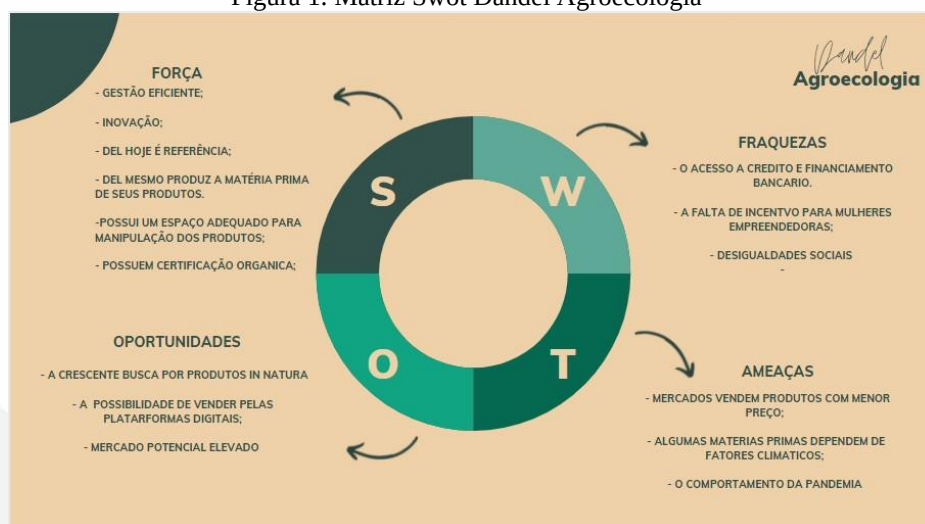
Eu falo de experiência própria de vida, na pandemia de março a setembro eu fiquei impedida logo eu, que eu comercializo na feira livre, e por conta de eu viver na comunidade e conviver com várias outras pessoas de grupo de risco, eu não podia ir para a feira e depois voltar e fazer algumas visitas, mesmo que essas visitas não fossem diárias, então todo dia que eu ia na feira eu tinha que passar pelo período de isolamento de quinze dias. (Del)

Durante esse período pandemia, Del ficou impedido de comercializar por conta das diversas barreiras sanitárias institucionalizadas pelo Ministério da Saúde. Nesse momento, Del passou a investir nas vendas virtuais, fazendo as artes digitais para apresentação e propaganda do produto, bem como a higienização seguindo todos os protocolos da pandemia com a entrega nas casas, mantendo o distanciamento social.

O sucesso dos empreendedores está em como ele lida com os riscos e aprende a sobreviver com eles, riscos fazem a eles, afinal, riscos fazem parte de todas as atividades empresariais e é necessário saber administrá-los.

Buscando compreender toda dinâmica de produção e comercialização, o presente estudo elaborou uma análise baseada no matiz SWOT para a Dandel Agroecologia, durante o período pandêmico, conforme mostra a imagem abaixo.

Figura 1. Matriz Swot Dandel Agroecologia



FONTE: Elaborado pela própria Autora (2021).

Analisando as ameaças surgidas pelas barreiras da pandemia no contexto da Del, a situação demonstrou uma melhora em relação às vendas a partir de outubro de 2020. Neste mesmo ano, o Brasil ocupou o terceiro lugar de países que mais vendiam pela internet na América Latina, com 59,1% de participação em compras online e 1 milhão de sites de comércio eletrônico pelo país, isso apenas demonstra o reflexo da pandemia que tornou necessário para os comerciantes terem seus negócios em plataformas digitais e redes sociais.

Segundo a revista Estado de Minas (2020) a taxa de desemprego em 2020 foi de 13,5%, daí muitas pessoas passaram a ver o empreendedorismo como uma necessidade. Essa mesma pesquisa demonstrou que em 2020 as vendas pela plataforma Whatsapp tiveram aumento de 72%, e 44% para o Instagram, lojas virtuais e marketplaces mostravam aumentos de 24%. Para realidade da Del, as coisas não foram diferentes nesse momento que a demanda aumentou e o seu mercado atingiu uma capacidade de consumo que até então era por ela desconhecida, fazendo com que precisasse dobrar a produção e mantendo seus produtos armazenados e prontos para a venda. Com a diminuição dos casos a Del passou a ir na feira de quinze em quinze dias, que é o período que uma pessoa contaminada pela COVID passa a apresentar sintomas, e nesse momento as vendas eram feitas apenas por encomenda, e só era levado a feira os produtos posteriormente encomendados.

Diante de todos esses desafios, a Del, se caracteriza não só por ser empreendedora, é também planejadora, monitorando sua produtividade, assim como faz a gestão financeira e um planejamento anual das atividades que serão desenvolvidas no seu negócio, objetivando acessar a segurança alimentar e uma renda melhor estruturada na sua propriedade. O que se pode enxergar em relação a Dandel Agroecologia é que a Del encontra no seu empreendimento uma oportunidade de colaborar para diminuir as carências próprias, e das moradoras do assentamento como desemprego, inclusão social e outros.

“No movimento eu me vejo uma pessoa que tem contribuído a medida do possível, da forma que eu consigo entender e contribuir na forma de orientação das mulheres negras, na orientação da gente entender que nosso espaço é onde a gente quiser estar, na universidade, na liderança de uma associação, um sindicato enfim em qualquer lugar que a gente quiser” (DEL, 2021).

A resistência é identificada não só durante toda a trajetória da Del, como também em cada uma das suas falas, e nas experiências que fazem parte do seu cotidiano assim como na vida das mulheres do assentamento, que dividem carreira entre o empreendimento e os afazeres domésticos. A representatividade não só se reflete neste momento, mas também em ver mulheres negras abrindo seus empreendimentos e ocupando espaços tão diversos. Além da realização profissional a possibilidade de trabalhar com o que gosta e se tornar referência naquilo que faz.

“Eu acho que é gratificante, Porque o trabalho para nós principalmente no nosso país, ainda mais pra mim que sou negra, mulher, com todas as características de negros que foram escravizados nas senzalas, e somos ainda e as vezes não temos essa clareza, que por ser negra, e ser mulher ainda somos muito violentadas. e a gente precisa se valorizar, quando a gente percebe, pra poder falar que cê trabalha com algo que você gosta, com o público que você gosta, do jeito que você gosta de trabalhar.” (DEL, 2021)

3 TIPOS DE CAPACITAÇÕES, PROGRAMAS, POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS AFROEMPREENDEDORES NABAHIA.

3.1 REDE POVOS DA MATA

A Rede Povos da Mata, é uma rede de agroecologia apoiada pelo Instituto Arapyaú, Movimento Mecenaz da Vida, Taboia Fortalecimento Comunitário e SEBRAE, sendo uma junção dos produtores da Agricultura Familiar, assentados da reforma

agrária, comunidades indígenas e quilombolas, através do (OPAC) que certifica a unidade produtiva agrícola e agroindustrial orgânica e os produtos de seus associados.

A rede objetiva fortalecer a agroecologia, tornando simples e claras as informações entre os envolvidos e criando mecanismo de geração e segurança dos processos desenvolvidos pelos participantes, A rede é credenciada ao ministério da agricultura, pecuária e abastecimento desde 2016. A Del, faz parte da Rede Povos da Mata, além de ser referência tornou-se um case de sucesso por utilizar estratégias e conseguir não só driblar as barreiras impostas da pandemia, mas sair dela com aspectos positivos e novas estratégias para seu negócio. e hoje o caso da Del, pode demonstrar todos os aspectos da inteligência competitiva no contexto da inovação e afroempreendedorismo.

3.1.1 OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica

È a organização Jurídica do Sistema participativo de garantia, sua finalidade é regularizar a certificação dos produtores orgânicos, auxiliar na gerência e coordenação dos procedimentos e avaliar o bom funcionamento do sistema, bem como, o cumprimento de normas de produção, comercialização dos produtos agrícolas e agro industrializados. Ele permite a venda de produtos que levam o selo do “Brasil orgânico” que é credenciado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento.

3.1.2 Vale do Dendê

Trazendo traços do Vale do Silício o vale do dendê é uma organização sediada em salvador (BA), e desde 2017 vem organizando e capacitando diversos empreendedores em algumas áreas (tecnologia, economia criativa e gastronomia). O vale é uma organização social que objetiva incentivar ecossistemas de empreendedorismo social e diversidade. Hoje o vale tem diversos parceiros como: Google, Spotify, MDC entre outros.

4 CONCLUSÕES

No Brasil, nos últimos anos a população negra vem se organizando de maneira mais acentuada, fato que pode ser visto pelo aumento do número de auto declarações entre o período de 2011 a 2015. Concomitantemente, segundo o SEBRAE (2015), houve um aumento de empreendedores negros, concomitantemente com um aumento de faturamento desses afros empreendedores em 37% neste mesmo período.

Levando em consideração esses fatores, a presente pesquisa objetivou analisar quais foram os desafios enfrentados pelas mulheres do grupo do assentamento Dandara dos Palmares no Baixo Sul da Bahia, considerando os aspectos históricos do afroempreendedorismo brasileiro e as investigações com afroempreendedorismo.

Assim, o estudo identificou por meio das pesquisas e principalmente na entrevista com a Del, as barreiras enfrentadas no cotidiano da vida da mulher empreendedora. Dificuldades essas, relacionadas à questão de gênero e machismo que perpassam gerações. Simultaneamente, existem barreiras que impactam diretamente na aquisição de recursos que possibilitaram a expansão dos seus negócios e consequentemente melhores ganhos. Ademais, o estudo também ressalta a realidade desses afroempreendedoras que em sua minoria atuam de forma virtual por questões relacionadas ao difícil acesso a internet, e a pouca ou nenhuma habilidade de gerir seu marketing digital, onde acabam terceirizando essas funções para os seus filhos, ou companheiros. Ainda cabe destaque para essas mulheres, que não tem nenhum colaborador em virtude do acesso dificultado a serviços bancários, por exemplo.

Outro aspecto observado é o desejo de ser reconhecido, afinal a Dandel Agroecologia, hoje é referência não só na região do Baixo Sul da Bahia, mas referência como agricultura agroecológica no Brasil participando de várias rodas de conversas e debates. Isso se torna um ponto positivo, afinal, representatividade, empoderamento e mobilidade social econômica e realização profissional são fatores que estão interligados. Ao observar essa representatividade, abre-se um mar de novas possibilidades para outros negros: “eu sou porque nós somos” assim, vendo_o outro como igual, ou como protagonista da sua história, esses afroempreendedores passam a enxergar a mesma possibilidade de sucesso.

Arelado a isso, o contexto da agricultura familiar no assentamento Dandara dos Palmares tende a quebrar as barreiras do racismo, afinal a rede é composta de mulheres negrasque promovem automaticamente uma mobilidade social econômica, mesmo que mínima, demonstra sobre um horizonte em que existe possibilidade de ascensão futura da negra as camadas mais favorecidas economicamente.

A capacidade de sustento atrelado à realização profissional é um dos principais achados nessa pesquisa. A realização profissional da Del mostra o reflexo de um lugar em quea população negra está começando a se inserir. Trabalhar no seu próprio negócio é algo extremamente significativo para essa parcela da sociedade, considerando a trajetória histórica sofrida do negro no Brasil. Uma história marcada por uma trajetória de resistência emdiversas lutas para alcançar direitos que são mínimos, mas precisam de muitas lutas para serem conquistados. Ser mulher e afroempreendedora no Brasil é apresentar um rompimento com as ideias racistas impostas que permeiam a história desde a época da escravidão, que infelizmente ainda são observadas no contexto mundial e brasileiro.

As limitações encontradas durante o desenvolvimento da pesquisa foi o acesso a materiais que tratassem do afroempreendedorismo no feminino, e do afroempreendedorismo no feminino durante a pandemia.

Para estudos futuros propõe-se estudos com afroempreendedoras de setores diferentes,propiciando o entendimento temporal mais amplo do afroempreendedorismo feminino no Sul da Bahia e suas mudanças.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz; Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-Brasileiro, Florianópolis 2014.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

ESTIVAL, K. G. S. Trajetórias dos assentamentos da agricultura familiar no Brasil: Estudos de caso sobre o modo de vida rural em um assentamento do sul da Bahia. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estudos e pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. 2019. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pfd > Acesso em: 15 out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estudos e pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. 2018. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pfd > Acesso em: 15 out. 2020.

MATHIAS, Lais, O afro-empendedorismo e as novas perspectivas para o mercado. Disponível em: <<https://medium.com/clavedefapp/o-afro-empendedorismo-e-as-novas-perspectivas-p-ara-o-mercado-52fe87069bd7>>. Acesso em: 21 Mar. 2022.

OLIVEIRA, Thais Silva, Redes Sociais na internet e a Economia Étnica: Um estudo sobre o Afroempendedorismo no Brasil. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2019.

MALHEIROS, Renata, Afroempendedorismo é realidade para quase 5 milhões de brasileiras, 2020. Disponível em < <https://claudia.abril.com.br/carreira/afroempendedorismo-e-realidade-para-quase-5-mil-hoes-de-brasileiras/>>. Acesso em 30 out. 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA – SEBRAE. Relatório executivo de empreendedorismo no Brasil, 2015. Disponível em < [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf)>. Acesso em 30 out. 2020.

REVISTA RAÇA. O empreendedorismo da mulher negra. Jan. 2021. Disponível em: < <https://revistaraca.com.br/empendedorismo-da-mulher-negra/> > Acesso em: 23. Jan. 2018.

REVISTA ESTADO DE MINAS. Historia das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós emancipação. Florianópolis, set./dez. 2008.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA – SEBRAE. Relatório executivo de empreendedorismo no Brasil, 2015. Disponível em < [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf)>. Acesso em 30 out. 2020.

SOUZA, A. LEITE, C. RIOS L. Produção de alimentos na roça das mulheres: Roça agroecológica das mulheres, v.6 n.4 p. 17-21, 2009.

SOUZA, A. LEITE, C. RIOS L. Produção de alimentos na roça das mulheres: Roça agroecológica das mulheres, v.6 n.4 p. 18, 2009.

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013

OLIVEIRA, Thais Silva, Redes Sociais na internet e a Economia Étnica: Um estudo sobre o Afroempreendedorismo no Brasil. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2011.